

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

AS PARCEIRAS, DE LYA LUFT: UMA PERSPECTIVA
MELANCÓLICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM CENTRAL DA OBRA

Juliana Toazza Grossi¹ (UFPel)

“Se um dia qualquer/ Tudo pulsar num imenso vazio/ Coisas saindo do nada/ Indo pro nada.” (Loucos de Cara – Vitor Ramil)

RESUMO: Este trabalho refletirá sobre a melancolia na obra **As Parceiras**, de Lya Luft. A abordagem terá enfoque na caracterização da melancolia refletida no momento em que o indivíduo passa a ser sentir essencialmente só, abstraído da sociedade pela sensação de existir isoladamente. Analisaremos a personagem central da narrativa citada quando esta se torna incapaz de estabelecer contato com os demais ou mesmo com a sociedade, na sua totalidade, da qual está segregada pela incomunicabilidade. O estudo da personagem desta narrativa visa compreender não só a própria construção narrativa da autora, mas como essa representação indica a composição do mundo globalizado que habita, no qual cobra-se a extroversão, a ação e o raciocínio rápido para ser bem aceita. Imobilizada pela própria sociedade que lhe cobra um posicionamento ativo, entenderemos esse olhar desiludido da personagem como base de uma crítica reflexiva acerca desta realidade totalizadora.

PALAVRAS-CHAVE: As Parceiras; melancolia; Lya Luft.

1. INTRODUÇÃO

Nesse artigo pretendemos refletir de que modo a melancolia se insere na obra **As Parceiras**, de Lya Luft, e, sobretudo, como essa especificidade condiciona a maneira em que a personagem central da narrativa, Anelise, é construída. Esse estudo será focado na personagem Anelise que será analisada a partir de sua construção formal e, para isso, nos apoiaremos na teoria proposta por Antonio Candido, na qual expõe o caráter estrutural da personagem de ficção. Em um segundo momento, ao percebemos a melancolia como *“uma doença de transição e de transformação, uma doença de gente deslocada, de migrantes [...] Uma doença que atacava aqueles que tinham perdido algo e ainda não haviam encontrado o que buscavam.”* (SCLIAR, 2003 – p. 238),

¹ Mestranda em Letras (Literatura Comparada), Universidade Federal de Pelotas, Brasil.
E-mail: juli.grossi@gmail.com

partiremos de uma perspectiva apoiada nos estudos sociológicos da literatura e, nesse ponto, refletiremos como a personagem é construída pelo viés melancólico, que está na centralidade do seu *eu*, através das suas relações com a exterioridade.

As Parceiras foi lançado em 1980 e trata-se do primeiro romance publicado pela escritora Lya Luft. A narrativa é composta em primeira pessoa (narrador autodiegético) e dividida em sete capítulos, nomeados pelos dias da semana, alternando o tempo presente vivido pela protagonista Anelise, com suas lembranças do passado. Trata-se de uma obra intimista, narrada principalmente por um viés psicológico. Marcada pela história de morte, dor, loucura e, principalmente, melancolia das mulheres de sua família, Anelise enfrenta seus mortos, seus fantasmas e medos e procura no passado as razões para suas frustrações.

2. ANELISE: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM E A FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA

Em seu conhecido estudo **A Personagem do Romance** (2011), Antonio Candido, atenta para o fato de que o romance só se constitui a partir de um enredo e que, dentro dele, as personagens da narrativa vivem a ação e dão continuidade as cenas do enredo; a personagem seria a categoria formal que garante vivacidade à narrativa. Assim, temos as categorias essenciais do romance moderno, em uma perspectiva essencialmente formalista. Procurando ir além dessa concepção, articulando ficção com o meio social em que as obras ficcionais são originadas, Candido nos mostra que o romance “*só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim das contas a construção estrutural é a maior responsável pela força e eficácia de um romance.*” (CANDIDO, 2011 –p.54-5). Desse modo, todos os elementos estruturais se articulam na narrativa ficcional, sendo a personagem uma categoria fortemente atuante, mas que só ganha sentido na sua inter-relação com as demais.

Houve, de acordo com Candido, uma revolução no paradigma composicional do romance: até o século XVIII os enredos apresentavam estruturas com maior complexidade enquanto que as personagens eram apresentadas de modo simples, caracterizados por certos traços identitários lineares e facilmente delineáveis; rompendo com esse padrão, começam a surgir romances que apresentam essa perspectiva de modo

inverso: o enredo se simplifica (uno) e as personagens se tornam complexas, apresentando traços de personalidade que não se esgotam “*de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.*” (CANDIDO, 2011 –p.60).

Partindo de uma crítica literária amparada pelo viés sociológico, percebemos que as composições ficcionais da literatura e, assim, o modo de narrar, é condicionado pela história e pelos processos sociais. Assim, a personagem central de **As Parceiras**, não deve ser pensada somente pela sua estrutura formal, mas de que modo sua composição ganha significado ao relacionar-se com o social e que exterioridade permite que essa personagem seja possível no plano ficcional. De acordo com o teórico alemão, membro da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, em seu ensaio **O Narrador** (1986) nas sociedades arcaicas, a narrativa era construída coletivamente e apresentava certa linearidade ordenada, além de um desfecho que atendia a determinados questionamentos coletivos. Já o romance moderno, historicamente condicionado pela sociedade moderna, não apresenta respostas nem soluções, há nele uma evidenciação das incertezas e tensões. Além disso, o romance moderno trata do indivíduo que é essencialmente só e do seu isolamento – retratando ainda a sociedade moderna, individualizada.

A protagonista de **As Parceiras**, Anelise, configura-se como uma personagem que vai de encontro às ideias apresentadas pelos teóricos acima citados acerca do romance moderno. A personagem, nessa perspectiva, articula-se como um indivíduo que apresenta uma composição identitária etérea e impregnada de incertezas e questionamentos sobre si. A partir de uma narração em primeira pessoa, altamente intimista e descontínua, Anelise tenta estabelecer uma relação com o mundo exterior, mas esta é sempre falha e incompleta. Os sentimentos de solidão, exílio e medo perpassam a narrativa, representando a desestabilização pessoal da personagem que habita a modernidade, através de relações fragmentadas com as demais personagens da obra.

Fizera um sótão para mim mesma, com traves, madeiras, tijolos tirados das escuridões desde a minha infância. Ali moravam as mulheres da minha família; meus mortos; um adolescente que criava bichos-seda, suspeito de não ser muito viril, mas que me ensinara a beijar e a vibrar no corredor sombrio; pedaços de gente perdida no mar, nas pedras, fragmentos, alusões, esboços de anjos ou de monstros. Bila. Vozes na sombra. (LUFT, 2006 –p.101-2)

No trecho acima percebemos o isolamento, a solidão e a fragmentação narrativa da personagem ao tentar falar de si. Ao voltar-se ao passado, ela procura respostas aos

seus questionamentos embora nunca os alcance: há uma sensação de incompletude em Anelise, que nunca se esvai. A solidão da personagem funde-se ao vazio das suas relações pessoais na trama narrativa e através de sua perspectiva interior, essencialmente memorialística, ela recorda fragmentariamente suas desilusões do passado. Ao ritmo da memória, passado e presente se entrelaçam apresentando ao leitor o ritmo desta narrativa que imprime o retrato do indivíduo isolado e melancólico da sociedade moderna. Sobre o sentimento de incerteza, insegurança e medo que acomete os indivíduos que vivem na contemporaneidade, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, na obra **O Mal-estar da pós-modernidade**, nos diz:

O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito de uma nova configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e erros da maneira de viver. O que é também novo em torno da interpretação pós-moderna da incerteza [...] é que ela já não é vista como um mero inconveniente temporário, que com o esforço devido possa ser ou abrandado ou inteiramente transposto. O mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irreduzível. (BAUMAN, 1998 –p. 32).

3. MELANCOLIA: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO E SUA PRESENÇA EM AS PARCEIRAS

O entendimento acerca do conceito de melancolia está presente na história desde a Grécia Antiga. Na obra **Saturno nos Trópicos**, Moacyr Scliar percorreu o cenário histórico da melancolia, traçando como o entendimento sobre a mesma foi-se modificando de acordo com os eventos sociais. No Ocidente, esse conceito se introduziu depois de uma fase negra da história, a Peste Negra, como relata Scliar na obra citada. Embora na origem do conceito relacionava-se o estado melancólico a uma doença, Scliar atenta: *“A peste é, inquestionavelmente, uma doença. A melancolia, como veremos, às vezes é doença às vezes não é. Além disso, a peste avança rapidamente para a cura ou para a morte. A melancolia se prolonga no tempo e sua evolução tem caráter indefinido.”* (SCLIAR, 2003 –p.9).

Na modernidade e, projetando-se na ficção, a melancolia é compreendida como um sentimento de perda não superado. De acordo com o professor e pesquisador Jaime Ginzburg, em uma palestra intitulada **Literatura, Violência e Melancolia** (2013) que também nomeia seu recente livro sobre o tema, a melancolia se caracteriza pela

combinação da tristeza (gerada por um acontecimento negativo do passado) e do medo (um novo acontecimento negativo pode acontecer no futuro). A partir desse entendimento proposto por Ginzburg podemos compreender porque a personagem Anelise caracteriza-se como um ser melancólico. Após perder um filho e ver seu casamento à deriva, ela isola-se com seu cão e uma empregada doméstica no chalé de praia que pertencia a sua avó e no qual passou a infância: esconde-se em um ambiente familiar na tentativa de superar seus medos. No chalé, passa a rememorar os acontecimentos da sua infância e adolescência: a perda dos pais, a tia doente, a morte da amiga. Todos esses acontecimentos de um passado doloroso e não resolvido vem à tona e fundem-se com a dor da perda do filho recente. Assim, Anelise apresenta-se como uma personagem pouco ativa, que vive uma existência contemplativa e reflexiva: características essenciais do ser melancólico. Como podemos perceber no trecho de **As Parceiras**, abaixo:

Mas esse é um ninho fofo, macio, consolador: deitar-se para sofrer menos, refugiada nas lembranças para não ter que decidir a vida, mergulhar no passado para não enfrentar o futuro. Ou para entender o presente? Tão vazio o meu presente. O conflito, por menos que seja, hoje em dia me desgasta demais. Prefiro vegetar. (LUFT, 2008 – p. 79)

As marcas narrativas de cunho intimistas presentes em **As Parceiras** remetem à própria caracterização da modernidade e sua repercussão no indivíduo. O deslocamento do homem frente ao mundo moderno é percebido no romance através da exposição de um interior fragmentado na personagem. Assim, vemos a construção da personagem como um ser que se apresenta como um produto incompleto do nosso tempo, fato que a leva à solidão e ao sentimento de incompletude. O sentimento de angústia e as lacunas no sentido de compreender sua experiência tornam Anelise essencialmente melancólica – não há nela ânimo ou disposição para compreensão e interação com o mundo.

A memória configura-se como um aspecto importante na narrativa de **As Parceiras**, já que ela funciona como uma espécie de fio condutor que, a partir de fragmentos, vai dando forma e unidade ao enredo. Lembrando-se das histórias de vida das mulheres da sua família, Anelise tenta reconstruir ou recuperar a totalidade do seu *eu*, embora nunca o alcance. Percebemos uma identificação da protagonista com as mulheres da família em trechos como: “*É isso que conheço da história das minhas*

raízes. Uma família de mulheres.” (LUFT,2008 - p.14); “*Éramos um bando de mulheres malsinadas, mas só mais tarde eu entenderia isso também.*” (LUFT, 2008 –p.30).

A melancolia de Anelise, como vimos, não pode ser compreendida apenas do ponto de vista interior, de modo que os sentimentos que definem o ser melancólico não encontram-se dissociados da realidade social dos indivíduos. Esse entendimento nos remete novamente a teóricos como Walter Benjamin e mesmo Zygmunt Bauman que veem nos acelerados processos industriais que marcaram a modernidade a partir do século XVIII um fator central para a tendência moderna ao isolamento, a individualidade acentuada, a fragmentação e fluidez das identidades e o sentimento de vazio que incessantemente acometem os indivíduos. As produções estéticas e, assim a literatura, de determinado período, por menos “realistas” que se proponham a ser, sempre carregam traços ou vestígios do contexto no qual foram produzidas. Sobre a relação entre produção cultural e o capitalismo, Leandro Konder fala textualmente:

E o capitalismo, em sua dinâmica perversa, tinha criado mecanismos que distorciam o conhecimento e afetavam o próprio ímpeto, as inclinações “afetivas” das pessoas. A vida humana, em seus diversos níveis, estava sendo posta a girar em torno do mercado. A concentração de multidões nas grandes cidades engendrava novos movimentos, novos ritmos de existência, novos estados de espírito, novos medos, novos comportamentos, novas formas de expressão do desejo. Tudo se complicava. Quem se dispusesse a examinar a produção cultural da época não poderia deixar de levar em conta essa complexidade. (KONDER,1999 –p.95)

4. CONCLUSÃO

Na obra **As Parceiras**, sob a perspectiva da personagem central, Anelise, percebemos como esta se compõe a partir de sua relação com a exterioridade do mundo moderno, tornando-se um ser melancólico. Antonio Candido, ao teorizar sobre a personagem no romance, comenta que a percepção que temos sobre os outros sempre se dá de modo fragmentário e nunca na sua completude. Para os teóricos da Escola de Frankfurt, há no romance moderno o predomínio da incerteza sem que se alcance uma compreensão completa e positiva das experiências narradas. Entendendo a ficção como um produto historicamente condicionado pelos processos sociais, apesar de independente dele, podemos avançar no entendimento de como a melancolia perpassa a narrativa, apresentando-se como um fator central na composição da obra, sobretudo, da protagonista. Sobre o modo que o romance moderno traz para o seu centro as

inseguranças e questionamentos do ser que vive na contemporaneidade: *“a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres vem refletida, de maneira por vezes trágica, sob a forma de incomunicabilidade nas relações”*. (CANDIDO, 2011 –p.57). Assim, percebemos como Anelise pode ser compreendida como uma construção ficcional que se inter-relaciona com a sociedade moderna e de que modo a melancolia se apresenta na obra **As Parceiras**.

Referências

- BAUMAN, Z. *O Mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENJAMIN, W.
- BOSI, A. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- _____. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, A. [et al]. *A Personagem da Ficção*. 12ª edição. São Paulo: Perspectivas, 2011.
- DANZIGER, L. *Imagens e espaços da melancolia: W. G. Sebald e Anselm Kiefer*. Revista Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Universidade de São Paulo: São Paulo, número 10, 2007.
- FREUD, S. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e Impasses: o Feminismo como crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KONDER, L. *Walter Benjamin - O marxismo da melancolia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.
- KRISTEVA, J. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LUFT, L. *As Parceiras*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- MAGALHÃES, I. A. *O sexo dos textos*. Lisboa: Caminho, 1995.
- MELO, C. V. *Lya Luft: percursos entre intimismo e modernidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2005.
- SANTOS, R.C. *O romance de Lya Luft*. Revista Matraga: estudos linguísticos e literários, Rio de Janeiro, v. II, maio, p.24-26, 1987.
- SCLIAR, M. *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PRIORE, M.D. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.